

## Receita do Carnaval de Loulé

A receita bruta dos 2 dias de festa do Carnaval de Loulé, foi de 175 contos (60 na 2.ª feira e 155 na 3.ª feira).

(Avenga)

# A Voz do Algarve

ANO XVI N.º 389

MARÇO — 5

1968

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua José Maria da Piedade Barros

EDITOR E PROPRIETÁRIO

Redacção e Administração  
GRAFICA LOULETANA  
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

Este ano aconteceu em Loulé... pelo Carnaval

## AQUELA TARDE DE DOMINGO COM... SOL!!!

Na tarde de Domingo Gordo o Sol brilhou em Loulé durante toda a tarde mas... não houve Cortejo Carnavalesco!!!

Foi uma desilusão! Desilusão para os que vieram para ver o Carnaval de Loulé. Desilusão financeira para a Comissão, para aquela Comissão que durante 3 meses trabalhou e exaustivamente se censou para o éxito do Carnaval! Durante 3 meses a chuva foi seu temor preocupante, pois só ela poderia neutralizar a retumbância dumas festas consagradas durante 62 anos!

E, paradoxalmente, foi essa mesma Comissão a responsável pelo fracasso de Domingo! Os forasteiros refilaram, os louletanos criticaram e todos estavam decepcionados por não ter sido aproveitada uma volumosa re-

## A CAPITAL

Sob a proficiente direcção dos distintos jornalistas srs. Drs. Norberto Lopes e Mário Neves, iniciou há dias a sua publicação em Lisboa o novo diário da tarde «A Capital», cujo bom aspecto gráfico e precioso recheio hão-de impô-lo à consideração e preferência do público que sabe apreciar a prosa de elevado nível.

Auguramos ao novo diário, nessa 2.ª fase duma honrosa existência, as maiores prosperidades.

ceita dum belo domingo de Sol. O público encheu a Avenida e brincou ao Carnaval, mas faltavam os carros, a beleza e a graça dos carros alegóricos! Forasteiros desiludidos e louletanos irritados foram para Olhão e Vila Real ver o Carnaval. Não percebiam as causas duma decisão que a todos parecia ter sido precipitada e por isso deixaram Loulé. Os membros da Comissão evitaram o contacto com o público para não serem ainda mais assediados, mas mesmo assim parece que ouviriam o bom e o bonito. Desiludidos, irritados, chocados com os comentários,

(Continuação na 4.ª página)

A Comissão do Carnaval foi muito criticada por ter decidido não realizar corso no Domingo Gordo. Embora nada obrigue a

organização a dar conhecimento público das razões que a isso levaram, reconhece, porém, que aos bons Louletanos é devida uma explicação.

A decisão foi tomada às 13,30 horas. E a este facto que os críticos mais se agarraram dizendo que a resolução foi tomada muito cedo e como tal precipitada. Estão enganados e vejamos porquê.

Choveu toda a manhã de Domingo, e também nos dias anteriores. Embora o pessoal de serviço estivesse a postos, os carros só estariam completamente montados para entrar no recinto umas 3 ou 4 horas depois de iniciados os trabalhos.

Poderá parecer muito, mas só às pessoas que não vivem de perto estes problemas. Dos 18

(Continuação na 2.ª página)

marcou na realidade por apresentar o melhor e mais animado Corso do Algarve.

Não só porque os Carros deste ano merecem especial referência pela beleza e riqueza do seu conjunto, como porque o Povo daqui e o que aqui se junta, dão uma grande vitalidade à festa e tornam-na uma das mais vigorosas

(Continuação na 2.ª página)

## O Carnaval do Algarve

Não nos ficará muito bem falado do Carnaval de Loulé, por sermos daí naturais e, certamente, grandes entusiastas pelas festas desta Vila, que, indiscutivelmente, marcaram um ponto de glória nos Carnavalescos de todo o Algarve.

Apenas, por sermos de Loulé. Mas as opiniões que registámos quer de naturais que se deslocaram a outras localidades e a estes com desconto de qualquer exaltação das suas referências, como a indivíduos de outras terras e por isso mesmo, mais independentes de opinião, Loulé

marcou na realidade por apresentar o melhor e mais animado Corso do Algarve.

Não só porque os Carros deste ano merecem especial referência pela beleza e riqueza do seu conjunto, como porque o Povo daqui e o que aqui se junta, dão uma grande vitalidade à festa e tornam-na uma das mais vigorosas

(Continuação na 2.ª página)

que, de que foi também distinto Governador-Geral desde Novembro de 1958 até 1962. A sua ação neste importante governo, assinalou-se por uma série de realizações de grande influência

(Continuação na 2.ª página)

GENERAL Edmundo Cunha

Por ter sido nomeado Comandante Militar de Angola, seguiu para aquela nossa província ultramarina o ilustre algarvio sr.

General Eduardo da Luz Cunha, que desempenhava as funções de Director - Adjunto da Instrução do Exército.

Tirou o Curso Superior Naval de Guerra e especializou-se em aviação, tendo a sua carreira sido assinalada por diversas distinções.

Distinguiu-se brilhantemente como administrador ultramarino, tendo servido em Cabo Verde, Guiné e Angola e em Macau, onde exerceu as funções de Presidente do Conselho de Estado e de cuja província foi governador.

Em Moçambique desempenhou os cargos de Secretário Provincial e de Chefe de Gabinete do Governador-Geral de Moçambique.

Aspecto parcial

do Hotel D. Filipa,  
visto do mar —

Conscientes da potencialidade turística do Algarve, os estrangeiros procuram-no para investir os seus capitais. Reconhecem-lhe qualidades que justificam a realização de grandiosos empreendimentos e por isso a nossa província possui hoje uma rede de unidades hoteleiras que a colocam em posição de relevo en-

tre as estâncias de veraneio da Europa.

Um após outro, belos hotéis

têm surgido ao longo da costa

do Algarve, enriquecendo-o e

proporcionando-lhe condições

convidativas à fixação de um

número cada vez mais elevado

de turistas.

Assim se vai criando uma es-

## Mocidade em festa NO CARNAVAL DE LOULÉ

O Carnaval é, essencialmente, a Festa da Mocidade, daquela mocidade azourada e feliz que sabe rir e gosta de brincar... porque a vida lhe sorri sem aquelas preocupações do dia-a-dia que atormentam a maturidade responsável.

E o Carnaval de Loulé é ambiente próprio para as extravagâncias dessa juventude que às vezes é atrevida mas que ainda

sabe manter uma linha de conduta aceitável para o frenesi carnavalesco que se vive em Loulé durante os 3 dias consagrados ao Rei Momo.

Era vés-velos, rapazes e raparigas, correndo, brincando, rindo

pulando, dançando e cantando,

dando largas ao seu entusiasmo

juvenil, aproveitando os mais pe-  
quenos descuidos para atacar

com... confetti e provocar novas

reações que se multiplicavam em cadeia. E assim o Carnaval em Loulé é por isso que é preferido o Carnaval de Loulé. E por isto, também, que é preciso manter a tradição do Carnaval de Loulé.

Para os mais velhos, pode pa-  
recer insensatez pintar a cara, (sujar é palavra mais própria)

deixar barbichas, patilhas ou bi-  
godes, e vestir extravagante-  
mente, mas os jovens adoram exac-  
tamente essas extravagâncias

talvez para revelarem uma per-  
sonalidade que é inteiramente

sua. Outras vezes será apenas

porque vêm nos outros... e não

reparam no ridículo da figura

que fazem. Raparigas há que ves-  
tem modernas calças porque... a

amiga também as usa, mas não

sabem distinguir (nem lhes in-  
teressa) se essa modernissima lhes

transfigura o seu semblante e as

torna ridículos. Para elas, qual-  
quer mês do ano é Carnaval. Nem

precisam vir ao Carnaval de Loulé.

Trajam carnavalescamente em

qualquer dia do ano... para dar

nas vistas.

E quando chega o Carnaval sim, nessa altura é que é brin-  
car, porque a vida (aliás a ju-  
ventude) são 2 dias e há que  
aproveitá-los enquanto é tempo.  
E mesmo no Carnaval há sorri-  
sos que fazem pulsar corações,  
gestos significativos que marcam  
um rumo. Há anseios de amor e  
galanteria. Há palavras que  
ecolam como mensagens de fé e  
de esperança. Sussuros entre  
aqueles que pretendem adivinhar  
intenções ou revelar propósitos.  
E tudo isto é Mocidade, aquela  
mocidade que tão fugazmente  
passa por todos.

Depois ficam as saudades dum  
passado que já não volta, mas  
que se repete nos mesmos an-

(Continuação na 2.ª página)

## A TAP vai efectuar dois voos de desdobramento na linha Faro-Lisboa-Faro

A TAP vai efectuar nos  
dias 22 e 24 de Março pró-  
ximo, vôos de desdobramento

na linha Faro — Lisboa —

Faro, com o seguinte horário:

Dia 22 de Março — TP 124 A

— Faro — partida — 22,10 ho-  
ras, Lisboa — chegada — 22,45

horas.

Dia 24 de Março — TP 125  
A — Lisboa — partida — 19,  
20 horas, Faro — chegada —  
19,55 h.

## Os que estão longe não esquecem o «LOULETANO»

Durante a decorrente época  
não tem sido brilhante a carre-  
ira do «Louletano». Motivos  
alheios à Direcção, cumulados  
com precalços vários e ainda com  
o factor sorte adverso, têm con-  
tribuído para uma posição pouco  
brilhante no futebol regional. De  
ciclismo quase nem se fala, pois  
a prática desta modalidade exige  
recursos financeiros que as mo-  
destas receitas do Louletano não  
podem suportar.

Mas apesar de tudo a Direcção  
tem trabalhado. A Direcção tem  
feito tudo quanto tem podido  
para manter em bom nível as  
s suas equipas de futebol. Se mais  
não tem feito é porque mais não  
tem podido. Da sua acção em  
 prol do desporto local é público  
testemunho a atitude digna do  
Sr. Presidente da Câmara que,  
receando uma quebra de presti-

(Continuação da 4.ª página)



Mais uma  
bela unidade  
hoteleira  
ao serviço  
do turismo  
algarvio

CICLISMO

## A Volta chega a Loulé no dia 20 de Agosto

Já se conhecem pormenores do que vai ser a 31.ª Volta a Portugal em Bicicleta, que decorrerá de 10 a 25 de Agosto, levando a todo o País esse extraordinário entusiasmo e rara animação que tem o poder de saber motivar. Para já uma nota positiva: a antecipada programação com que tudo está a ser convenientemente tratado, o que nos dá a nota segura de que a Volta é objecto de um carinho e atenção excepcionais. Entra-se assim pelo caminho certo de mon-

tar a grande máquina, que é a

festa velocípedica nacional,

com todo o cuidado requerido e

e com uma organização paralela

(muita no sector publicitário)

como jamais conheceu.

A Volta terá 21 etapas, de

acordo com o seguinte itinerário:

Dia 10 (sábado): 1.ª ETAPA

— Circuito do Porto (na pista

do Estádio das Antas, à noite);

dia 11 (domingo): 2.ª ETAPA

— Porto-Vila do Conde (contra-

relógio por equipas); 3.ª ETAPA

— Circuito de Vila do Conde

Distrital da 1.ª Divisão) —

— 2.527\$00.

— A Câmara Municipal de

Faro foi autorizada a contrair

um empréstimo de 8.399.260\$00,

destinado às seguintes obras:

Aquisição da Carreira de Tiro —

3.599.260\$00; Construção das ruas

A, B e C — 1.000.000\$00; Ur-

banição da Pontinha —

1.800.000\$00 e Construção de

(Continuação na 3.ª página)

## Postal de Faro

### Noticiário

Foi de 6.623\$50 a verba obtida  
pela venda de bilhetes especiais  
a favor das vítimas das inunda-

# Panoramicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)  
há? — Não sei, recebemos órdens para não fazer venda de bilhetes. Em todo o caso eu fico por aqui, pois pode vir contra-ordem.

*Um dos membros da Comissão:* — Os carros têm de ser completados na rua e levam pelo menos duas horas a compor. Não vamos tirar os carros para fora, pois arriscamo-nos a vir chuvada e então adeus 6 carros.

*Um forasteiro:* — Parece incrível, vir a gente de tão longe, gastar tanto dinheiro e nem um carro deixam ver. Ainda se o programa tivesse lá afixado a fórmula sacramental! Este programa poderá ser alterado por motivo imprevisto...

*Um louletano amigo da Santa Casa:* — Já estão cheios de dinheiro. Podem perder bem 50 ou 60 contos à vontade...

*Um borlista:* — Vamos deixando ficar por aqui ao menos podemos ver tudo de borla.

*O homem das algagoitas:* — Trouxe a carga toda tive que pedir ajuda a dois vizinhos e agora para levar isto para casa, não arranjo alguém para fazer um favor. Não vendi nada e tenho que pagar para me ajudarem.

*O homem dos tractores:* — Mandaram vir a gente. Têm de pagar pelo menos o jantar.

Quem tem a culpa sei eu, dizia um dos tripulantes de um carro, vestido de senhora: — A culpa não sabem de quem foi? Abria o casaco e mostrava um «pintainho» acabado de nascer.

O certo é que a Batalha de segunda e terça-feira gordas fez esquecer todos estes desabafos. Os carros eram na realidade, verdadeiras obras primas, como há muito não viamos.

# O Carnaval do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

e animadas, o que lhe empresta maior brilho e grandeza.

Vimos referir que o Carnaval do Estoril conquanto seja de longe o mais rico e sumptuoso na apresentação de carros que devem ter custado alguns deles quase tanto como três ou quatro dos nossos e isto ainda dentro de uma modéstia de cálculo, o Cortejo tornou-se monótono e insípido porque o público se mostrou pouco folião.

Soubemos que o de Vila Real de Santo António reuniu poucos carros e não teve igualmente a apoteose que se esperava, porque lhe faltou o calor do público, além do recinto ser demasiado restrito e circunscrito. E se não for a colaboração das gentis sevilhanas do País vizinho com os seus dançares e cantares, pouco sentido de Carnaval tinha.

Também nos asseguraram pessoas que assistiram ao de Olhão que a animação foi reduzida e que a concorrência não foi grande, além de que os carros já tinham sido apreciados pelo S. João, pois as novidades consistiram apenas numa ou outra ligera transformação dos mesmos.

Era de prever que carros construídos com um certo simbolismo de representação histórica ou regional, não têm o mesmo significado ou valor quando incluídos em festas em que esse simbolismo quase não tem valor.

Tivemos aqui em Loulé, exemplo disso quando, há anos, conseguimos uma pálida reconstituição do Cortejo Histórico de Portugal integrado nas festas de Carnaval.

E isto porque o simbolismo histórico, patriótico ou sério dá relévo apenas no momento da passagem, perdendo todo o seu valor de síntese logo que a brincadeira do Carnaval se inicia.

Do que dizemos resulta que a dispersão da festa do Carnaval não deve mais ser tentada, mas sim afastada em benefício de uma ideia mais interessante que seria a de concentrar em vez de dispersar ou pulverizar estes festejos.

Se se coordenassestes movimentos festivos no Algarve e se estabelecessem épocas e festas para as diferentes realizações regionais, deste facto resultariam certamente para o Turismo regional, grandes e incommensuráveis vantagens para a Província.

Assim, Loulé teria o seu Carnaval, Faro, teria, por exemplo, as festas da Semana Santa, Olhão as dos Santos Populares, Albufeira as do Beato Vicente, Portimão as da motonáutica, Lagos, as de São Gonçalo e conseguiria assim escalar-se um conjunto de festas que fariam razoável no valor turístico da Província.

Todos os concelhos contribuiriam de umas para outras com subsídios ou participações que poderiam sair exactamente, do rendimento de umas em benefício de outras e oferecerem ao Turista e ao visitante um calendário interessantíssimo e feliz.

Nós falamos muito do Turismo do Algarve, mas, na realidade, só vemos que cada um procura acotovelar o outro, dispersando em pulverizar manifesitações que devia ter interesse provincial.

E quantas mais festas se criarem no género de imitar os outros, tantos maiores fracassos sofre o conjunto que deve ser sempre o mesmo: o Turismo.

E quando se envereda por distorções de bairrismo — algumas bem censuráveis como as de ir

A VOZ DE LOULÉ

N.º 389 — 5-3-1968

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### ANÚNCIO

#### 2.ª publicação

Pelo Juiz de Direito desta comarca e 1.ª secção de processos, correm editos de Vinte DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados ANTONIO COELHO e mulher MARIA FILIPE APOLÔNIA e JOÃO GUERREIRO MADEIRA, todos proprietários, residentes no sítio de Almeijafra, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira, para no prazo de DEZ DIAS, posterior áquelle dos editos, deduzirem, querendo, os seus direitos na Execução de Sentença com Processo Sumário que a estes move o exequente António Líbano Correia, viúvo, proprietário, residente em Lisboa, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Loulé, 24 de Janeiro de 1968

O escrivão de direito,

João do Carmo Semedo

Verifiquei

O Juiz de Direito, 1.º substituto,

Jacinto Duarte

(Continuação na 4.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

colocar dentro de um concelho que dispõe de bifurcações de estradas nacionais, placas ou letrreiros, dizendo que só aqui ou ali, é que há Carnaval — então temos definido um ponto de guerra e não de colaboração com o Turismo regional, que o mesmo é dizer, estamos a demonstrar um espírito mesquinho descendo quase ao que se pode considerar ofensa ou insulto.

São processos censuráveis e quem deles se lembrou esqueceu-se de preceitos que devem ser respeitados e acatados sob pena de se classificarem como de gente com pouca educação.

Aliás Loulé, sempre manifestou simpatia e vontade de colaborar com Olhão e não faz sentido que se usem de processos tão ordinários para fazer propaganda, aliás, propaganda frustrada, porque há que contar sempre com a razão e o bom senso dos outros.

Não queremos contudo atribuir culpas ou responsabilidades a quem não tem e Olhão tem gente muito boa e que merece a nossa consideração e respeito e, pena é que se tivesse abusado certamente da boa fé e confiança que essas pessoas depositaram nos autores da gracinha imponerada.

Por isso repetimos, torna-se necessário que alguém assuma a responsabilidade pelo encaminhamento das festas da Província, de forma a levantá-las e dar-lhes um prestígio que só se obtém com a congregação e não com a dispersão de esforços.

Por isso temos lutado e trabalhado no sentido de solicitar e conseguir a colaboração de todos os concelhos do Algarve para que se valorizem e revitalizem as poucas manifestações de que o Algarve dispõe no campo festivo regional.

Por isso temos procurado congregar e não pulverizar festas que além da tradição e do sentir próprio de cada concelho, representem uma atração turística.

Cabe aquí relêvo destacado e encomiástico da atitude assumida pela Municipalidade de Faro, enviando um carro alegórico ao Cortejo de Loulé.

Assim sim e honra lhe seja prestada, pois Faro marcou posição e louvável posição em todos os campos. No de colaboração com uma festa que é de Loulé, no sentido de fazer a sua propaganda dignamente e na arte com que elaborou o seu carro representativo, que, afinal, foi apreciado e saudado por todos com significativos aplausos, quando da sua entrada no recinto.

E mostrou mais que isso tudo. Mostrou com dignidade que era a Capital do Algarve.

R. P.

## COMANDANTE Correia de Barros

(Continuação da 1.ª página)

no desenvolvimento económico e social da mesma província, praticando uma política administrativa baseada em processos descentralizadores, que tiveram uma eficiente repercussão nos vários escalões da máquina burocrática de toda a região.

Testemunho eloquente do real mérito das qualidades deste nosso concelhio são as palavras proferidas na Assembleia Nacional pelo ilustre Deputado Gonçalo de Mesquita, que afirmou ter conhecido no Comandante Correia de Barros um dos homens de maior carácter com quem tinha contactado em toda a sua vida, dizendo: «Foi uma vida inteira dedicada a Portugal e aos portugueses. A sua morte faz com que a Pátria perca um leal servidor, com que as Forças Armadas percam um distinssíssimo oficial e com que o Ultramar perca um servidor acima da média. Acima disto, aos homens bons deste País a sua perda causa o desaparecimento de um dos melhores».

O Comandante Pedro Correia de Barros era presentemente vogal do Conselho Ultramarino. Filho da sr. D. Joaquim Correia Dourado de Barros e do sr. Miguel Correia de Barros, deixou viúva a sr. D. Maria Fortunata Madeira Correia de Barros e era pai do sr. José Pedro Fortunato Correia de Barros.

A família enlutada apresenta a expressão do nosso sentimento de pesar.

## VENDE - SE

Propriedade no sítio do Poço Geraldo (a 2 km. de Loulé), com boa terra de semear com abundante arvoredo, predominando alfarrobeiras, ameixeiras e oliveiras. Confina com boa estrada de fácil acesso a automóveis.

Dirigir à Rua Nuno Alvares Pereira, 3 — LOULÉ.

# TOR -- Uma terra esquecida

Ex.º Senhor  
Director de «A Voz de Loulé»  
LOULÉ

Estou presentemente no Canadá e portanto muito longe da minha terra, mas não posso esquecer-a. Até parece que o tempo e a distância que me separa dela têm o condão de fortalecer a afeição que lhe dedico. E a saudade, a saudade que tenho de tudo o que me é familiar forçou-me a escrever-lhe esta carta, sr. Director, na esperança de que ela possa ser um incentivo e um estímulo para fazer desparar em todos os meus conterrâneos mais brio e bairrismo pela nossa terra, para que ela possa entrar na senda do progresso. E são tão limitadas e legítimas as nossas aspirações que até causa pena que ainda estejam por concretizar.

Apenas nos queixamos da falta de vias de comunicação que serviam satisfatoriamente as zonas mais densamente povoadas: Tôr, Ponte da Tôr e Vendas Novas da Tôr, que é servida por um ramal que, no inverno é um autêntico ribeiro.

A aldeia da Tôr, localidade que fica a 7 Kms. de Loulé, tem uma estrada que mais parece um «caminho velho». São tantas as pedras que até um veículo de 2 rodas tem grande dificuldade em passar.

Penso igualmente que a estrada que atravessa a dita Aldeia devia ser alargada. São volvi-

## Uma decisão precipitada...

(Continuação da 1.ª página)

carros construídos pela Comissão, 14 tinham peças desmontáveis, algumas com mais de 200 quilos. Alguns carros, a maior parte, tinha a altura máxima consentida pelos fios eléctricos e telefónicos que atravessam a Avenida onde se realiza o corso — 6,2 metros — e os portões dos armazéns onde os carros são executados só têm 4 metros de altura.

Note-se que na Segunda-Feira Gorda, as equipas de serviço e os tractoristas começaram a trabalhar às 10,30 e os carros só ficaram prontos para desfilar às 14,30 e bem pouca gente reparou que a dois dos carros faltavam peças que não houve tempo de montar.

Se no Domingo as equipas tivessem iniciado os seus trabalhos às 14,30, hora em que começou a fazer bom tempo (facto com que a Comissão nunca contou), o corso só sairia completo ao fim da tarde, o que seria absurdo.

Diz ainda quem critica, que a Comissão poderia ter mandado sair só os carros mais pequenos ou, prevendo a chuva (os críticos também não tinham a certeza de que ia fazer bom tempo), os carros de nível inferior. Isto era lógico e até poderia ser considerado como uma burla. Que diriam os forasteiros que só viessem no Domingo?

A culpa toda, no fim de contas foi do tempo. E certo que se tivesse chovido só mais meia hora, ninguém teria estranhado a decisão da Comissão. Infelizmente, para a Comissão, não choveu até fez sol, que veio dar, mas só aparentemente, raios àqueles que a criticaram.

Quem criticou nada teria a perder se a chuva resolvesse vir também à Festa. A Comissão sim, essa teria muito a perder:

três meses de trabalho no caso de ter a desgraça de trazer para a rua os 18 carros. Neste caso o que não diriam os críticos que tudo prevêem (tempo, receita, despesa, trabalho, entradas, lucro...) mas que nisto dos Festes tudo ignoram porque nunca tiveram a coragem pelo menos, de querer ver o espectáculo dos bastidores.

Do exposto, podem os leitores que tiveram a paciência de nos ler, fazer uma ideia do quanto que magrou a maioria de elementos que constituiu a Comissão deste ano, a incompreensão e a falta de apoio do público, principalmente do público de Loulé para uma decisão que não foi tomada de ânimo leve.

E ninguém lamenta mais do que a organização, o facto de não ter havido receita no Domingo, nem de não se ter proporcionado aos forasteiros uma festa alegre como só os de Loulé sabem fazer.

★

Uma última nota.

Desde já aqui fica o convite para todos os que de futuro quiserem ajudar nas boas e principais estradas na área das horas. As próximas Festas estão mais... próximas do que se julga.

Só vos podemos prometer uma coisa... muito trabalho.

A Comissão

dos anos que a mesma frase se tem dito: «vai ser arranjada a estrada da Tôr», (isto já se está a tornar crónico), os seus habitantes alimentam então uns laivos de esperança, mas quando se tornará em realidade a dita esperança?

Mais um ano se passou. Estamos no desfraldar de um Ano-Novo e mais uma vez o bando-povo Torense dirá de si para si: «será este ano que vamos ter a nossa estrada arranjada»?

Contudo eu, um Torense de antes que quebar a que torcer, fico à espera que tal aconteça.

Outro facto que está alarmante é a falta de água. Há vários anos que foram efectuadas pesquisas de água. O preciosíssimo líquido foi encontrado com abundância e logo se disse que a Aldeia da Tôr la ter água com fartura. Tal porém não aconteceu e volvidos anos já ninguém mais falou no assunto. O problema tem sido esquecido ou não chegou ainda o momento oportuno?

Parece quase impossível como um concelho como o de Loulé, ainda tenha uma Aldeia sem estrada e sem água. Com o desfraldar de um Novo-Ano, a população Torense, fica mais uma vez com uns laivos de esperança. Será este ano que a Câmara nos fará uma surpresa?

Fico à espera que tal aconteça. Estará a Tôr mesmo esquecida?

Desde já agradeço, sr. Director, que mande publicar esta carta no jornal que sábiam direige. E o queixume de um português que embora ausente, ama verdadeiramente a sua terra e anseia pelo seu progresso.

Kitimat, 1-1968

a) Vitor Manuel Guerreiro de Sousa

## Aquela tarde de Domingo

(Continuação da 1.ª página)

mais do que eles, desejar uma receita volumosa? Quem tem aí trabalhado mais do que eles para o éxito da festa? Quem, mais do que eles, poderia sentir a mágoa que a todos atormentou?

A noite, no baile, de ânimos serenados, as explicações eram aceites por quem quisesse ver o problema por um ângulo de visão despidos de optimismos doentios. E é muito difícil ser-se optimista a respeito da chuva quando, durante 3 meses, se receia que ela chegue exactamente no momento em que não convém. Ora a verdade é que choveu durante toda a manhã de domingo, exactamente quando é mais agitada e energética a actividade dos que têm de pôr os carros na rua... para os acabar, pois é preciso contar com a altura dos portões dos armazéns e a altura a que estão os fios eléctricos. É preciso movimentar tractores e tractriistas, carros e tripulações, «tollets» e artistas. É preciso saber contar os minutos para fechar ruas e coordenar a acção policial com a venda dos bilhetes, distribuir serviços e entregar responsabilidades e aceitá-las.

&lt;p

# Caixa Geral de Depósitos

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Novas condições para os Depósitos a Prazo e à Ordem:

DEPÓSITOS A PRAZO (entidades privadas):

Importâncias mínimas de 30 000\$00

6 meses, renovável . . . . .	3,5 % ao ano
1 ano, renovável . . . . .	4 % ao ano

DEPÓSITOS À ORDEM:

Saldos até	30 000\$00 . . . . .	2 % ao ano
Saldos de 30 000\$01 a 100 000\$00 . . . . .	1 % ao ano	
Saldos de 100 000\$01 a 500 000\$00 . . . . .	0,5 % ao ano	
Saldos superiores a 500 000\$00 . . . . .	0,25 % ao ano	

**ISENÇÕES FISCAIS:** — Os juros dos depósitos estão isentos de imposto de capitais e de imposto complementar.

Todos os depósitos constituídos na Caixa têm a garantia do Estado.

## A Volta chega a Loulé

(Continuação da 1.ª página)

(em estrada); dia 12 (2.ª feira): 4.ª ETAPA — Vila do Conde-Guimarães (por Viana do Castelo e Ponte de Barca); dia 13: 5.ª ETAPA — Guimarães-Porto (contra-relógio, individual); 6.ª ETAPA — Circuito do Porto (na pista das Antas); dia 14: 7.ª ETAPA — Amarante - Guarda (pela serra do Marão, Vila Real, Régua, Lamego e Moimenta da Beira); dia 15: 8.ª ETAPA — Guarda-Viseu (por Covilhã, Penhas da Serra, Torre e Seia); dia 16: 9.ª ETAPA — Viseu-Anadia (por Tondela, serra do Carvalho e Aiqueda); 10.ª ETAPA — Circuito de Sangalhos (em pis-

## Salamina, L. da

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ — 1.º CARTÓRIO — NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTONIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 19 de Fevereiro de 1968, lavrada de fls. 54 a 55, do livro n.º B-32, de notas para escrituras diversas, do cartório acima referido, a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «Salamina, Lda.», com sede na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, mudou a sede social para a vila, freguesia e concelho de Olhão, — Rua 18 de Junho (horta de José de Aragão Barros, com acesso pela Travessa de caminho de ferro), alterando assim o art.º 1.º do pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

Art.º 1.º

A sociedade mantém a denominação de «Salamina, Lda.», e fica com a sua sede na vila, freguesia e concelho de Olhão, na rua 18 de Junho — Horta de José de Aragão Barros, com acesso pela Travessa de caminho de ferro.

Está conforme ao original, não havendo na parte omitida, nada em contrário ou além do que se certifica.

Secretaria Notarial de Loulé, 20 de Fevereiro de 1968.

O Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

(ta); dia 17: 11.ª ETAPA — Cunha-Tomar (por Coimbra, serra da Lousã e Figueiró dos Vinhos); dia 18: 12.ª ETAPA — Tomar-Malveira (por Torres Novas, Caldas da Rainha e Torres Vedras); 13.ª ETAPA — Circuito de Lisboa (na pista do Estádio de Alvalade); dia 19: 14.ª ETAPA — Lisboa-Ferreira do Alentejo (por Setúbal, Alcácer do Sal e Torrão); dia 20: 15.ª ETAPA — Ferreira do Alentejo-Loulé (por Aljustrel, Odemira, Saboia, serra de Monchique, Silves e Lagoa); dia 21: 16.ª ETAPA — Loulé-Tavira (contra-relógio individual, por Faro e Olhão); 17.ª ETAPA — Circuito de Tavira (na pista do Ginásio Clube); dia 22: 18.ª ETAPA — Tavira-Beja (por S. Brás de Alportel, serra do Caldeirão, Almodôvar e Castro Verde); dia 23: 19.ª ETAPA — Beja-Portalegre (por Évora, Vila Viçosa e Montfort); dia 24: 20.ª ETAPA — Portalegre-Cartaxo (por Gavião, Abrantes, Constância e Santa-Rém); dia 25: 21.ª ETAPA — Cartaxo-Lisboa (percurso a escoher e chegada ao Estádio do Sporting, Alvalade).

Verifica-se que Loulé, que durante tantos anos, foi um estrela grande do ciclismo português foi escolhido para final dum etapa que pode proporcionar luta acesa, e dispondo até de uma contagem para o Prémio da Montanha, na Serra de Monchique. No dia seguinte os estradistas abalam no contra-relógio individual rumo a Tavira.

Vão ser por certo dois dias de excepcional movimento e animação, de vibração autêntica pois é sabida a paixão do louletano pelo ciclismo.

Assim em 20 e 21 de Agosto, Loulé estará em festa, com uma das maiores manifestações do calendário desportivo português, a 31.ª Volta a Portugal em Bicicleta.

J. L.

## RAPAZ

Com carta profissional de leigos e pesados, pretende emprego de futuro, entrando como praticante.

Dirigir correspondência para Joaquim António Rosa — Moimentos — Corte Figueira Menor — ALMODOVAR.

A VOZ DE LOULE

N.º 389 — 5-3-1968

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### A NÚNCIO

#### 2.ª publicação

Pela 1.ª secção de processos do Juízo de Direito desta comarca, correm editos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada ANTONIA DO ESPÍRITO SANTO, solteira, maior, proprietária, residente na freguesia de Ameixial, concelho de Loulé, para, no prazo de 10 dias posterior ao dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, nos autos de execução sumária n.º 42-B/62 que lhe move o exequente Banco Nacional Ultramarino, com sede em Lisboa e Agência em Loulé.

Loulé, 14 de Fevereiro de 1968

O Escrivão de Direito, da 2.ª Secção,  
João do Carmo Semedo

Verifique a exactidão:

O Juiz de Direito,  
João Pedro Gomes Lopes  
da Cunha

## ALUGA-SE

Escrivório, consultório médico ou idêntico, em edifício com ascensor, no centro de Faro e a estrear.

Dirigir-se a Rua Conselheiro Bivar, 67-1.º Dtº. em FARO.

(Continuação da 1.ª página)

Com a recente inauguração do Hotel D. Filipa, o concelho de Loulé também tem agora um hotel de luxo, que reune requintadas condições de conforto e é um valor positivo no enquadramento turístico da província.

O hotel situa-se em Vale de Lobo (Almancil), uma região até há pouco praticamente desconhecida e que por isso se caracteriza por uma solidão que há-de ser reconfortante para quem aprecie gozar as suas férias longe do bulício dos grandes centros urbanos.

Ao acto inaugural assistiram Sua Ex.º Rev.º Sr. Bispº do Algarve, e os srs. Governador Civil substituto, Presidentes das Câmaras Municipais de Faro, Loulé e Albufeira e outras autoridades distritais e concelhias e entidades do maior relevo na província, que foram saudados pelos Administradores, Srs. Timothy Miller e Pittier Durval, pelo Director do Hotel, Sr. Noel O'Neil, e pelo Sr. Dr. Manuel Gonçalves, que se manifestaram satisfeitos por saberem contribuir com a sua iniciativa para o progresso da região.

Depois de ter procedido à bênção ritual, o Venerando Bispº do Algarve em breves palavras felicitou os empreendedores do magnífico imóvel, cuja importância salientou.

Usou depois da palavra o sr. Coronel Joaquim Gomes, Governador Substituto, que se congratulou pelo empreendimento que classificou de louvável e arrojado contributo para o desenvolvimento turístico, fazendo votos pelo êxito da iniciativa.

O novo hotel comporta 5 andares, com 110 quartos e 15 suites, e acomodações para 265 hóspedes. Planeado por forma a posicionar todos os requisitos de um hotel de luxo, impressiona pelo seu conjunto e sentido decorativo, de que queremos realçar como elementos principais: a pintura no bar gótico, alusivo à Rainha D. Filipa; a cópia de azulejos portugueses da Abadia de Westminster aplicada na sanca dos corredores que servem os quartos do 4.º piso e o banco de pedra com as costas em azulejo decorativo, no terraço e que se baseia num desenho do século XVII, usando técnicas de luz e sombra da época.

Na decoração das zonas pú-

## O HOTEL DONA FILIPA

Mais uma bela unidade hoteleira ao serviço do turismo algarvio

blicas e quartos, foram usadas matérias, tijoleiras e cores regionais, assim como azulejos do tipo Moçárabe, atendendo à influência da cultura árabe nesta região do País.

No 3.º andar, (piso de entrada) estão localizados: recepção constituída por portaria, PBX, escritórios, gabinete do director, assistentes, secretaria, escada principal e dois elevadores para os hóspedes. Situam-se também neste piso o restaurante, a cozinha principal, salas de estar, um bar, uma sala de leitura e escrita, uma sala de jogos, e duas lojas.

Há também, uma entrada privativa para as bagagens, que conduz directamente através de um corredor e uma rampa, ao nível do monta-cargas e escada de serviço. Este corredor serve simultaneamente para a circulação dos empregados da recepção sem que seja necessário passar pelo foyer da entrada.

As salas, o bar gótico, e o restaurante desenvolvem-se ao longo de uma galeria, que limita um jardim interior com vários níveis, o qual possui um pequeno lago. As salas e o restaurante foram concebidos por forma a desfrutar-se linda vista sobre o mar, que se estende a poente até Albufeira. Ao longo do restaurante e das salas há uma varanda, tendo ainda um terraço en-

tre as salas e o restaurante.

Como complemento destas zonas públicas, possui ainda o hotel, no 2.º piso, com acesso por todas as comunicações verticais e também pela varanda atrás descrita, um bar (cozinha Dona Filipa) para serviço da piscina, e ainda uma sala de conferências, «cocktails» ou expedições. Anexo ao bar há uma instalação com vestuários e sanitários para ambos os sexos, para serviço de visitantes e hóspedes uientes da piscina.

Cada um dos quartos tem uma área de 20 m² e ainda o «hall» de entrada, banho e instalações sanitárias independentes, e balcão particular. Todos os quartos possuem ar condicionado, música, telefones, água quente e fria e toaleiros aquecidos.

O Hotel D. Filipa, dispõe ainda de uma piscina para adultos e outra para crianças com tratamento de água e aquecimento por sistema de baterias solares.

Este hotel é propriedade da «Trust House Hotels, Ltd.», que dispõe, na Europa, de uma rede de 200 hotéis.

**Ajude o Artesanato! comprando «obra de palma» Algarvia**

## Rosa de Brilo Farrajola Rocheta

Seus filhos, noras e netos vêm, por este meio, agradecer, muito reconhecidos, a todas as pessoas que tiveram a bondade de os acompanhar no seu desgosto e a quem não o puderam fazer pessoalmente.

## Notícias pessoais

### ANIVERSARIOS

Fazem anos em Março:

Em 2, o sr. Firmino Bota Galvão, residente em França.

Em 5, o menino Joaquim de Coitim Nunes, residente na Venezuela e a sr.<sup>a</sup> D. Irene Vicente Mestre Galvão.

Em 6, o menino José Neves Lourenço e a menina Roménia Felicidade Caligo Nunes, residente na Venezuela.

Em 7, a menina Maria Leonilde Nogueira Martins.

Em 8, as meninas Maria de Deus do Nascimento Pontes e Nídia Maria de Sousa Pires e os srs. Avelino Figueira Pereira, Edménio Madeira e Francisco Leandro Mendes, residente na Venezuela.

Em 9, a menina Rosa Maria Bota Inês.

Em 10, a sr.<sup>a</sup> D. Miquete Vilhena Barão Carapinha Brito, o menino Valter dos Santos Pereira Paulino e as meninas Maria Alice Dias Rosa, residente na Austrália e Ana Paula Santana Coelho, residente em Beja e o menino José dos Santos Vairinhos, residente na Austrália.

Em 11, o sr. Sérgio Eusebio Dionísio, residente na Venezuela e a menina Maria Fernanda Martins Neves e o menino Constantino Cândido do Nascimento.

Em 12, os srs. Joaquim de Sousa Nunes, residente na Venezuela e António do Carmo Ramalho, residente em Almada.

Em 13, a menina Maria Filomena Brito Carrilho Cavaco e o sr. António dos Santos Brito.

Em 14, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Odete Pinguiña do Nascimento e D. Rosa Cristina Pinguiña Mendes e o menino Leopoldino Guerreiro Pinto.

Em 15, a menina Ludovina Maria Gonçalves Rosa.

Em 16, o sr. Dr. Januário Severiano Daniel Reis e as sr.<sup>as</sup> D. Maria Raquel Rocheta Guerreiro Rua Durão Leitão e D. Catarina Mendes Pinto Farrajota.

Em 17, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Elisa Marim Teixeira Cavaco, o sr. Manuel Raminhos dos Santos e o menino Constantino José Vasques do Nascimento e a menina Maria Margarida Vasques do Nascimento.

Em 18, a menina Maria José de Sousa Baptista e as sr.<sup>as</sup> D. Maria Valentina Guerreiro Rua Queimado e D. Isabel Seita Monteiro.

Em 19, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Bertini Ferro Dias, residente em Faro, os srs. José Metilo Vaz de Barros Vasques, residente em Portimão, José da Piedade Pires e Felizberto Mestre Madeira e a sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Sousa Bernardo e a menina Maria José de Sousa Farrajota.

Em 22, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de S. José do Adro Gago Carvalho Araújo e a menina Maria Correia Viegas, residente na Venezuela.

### PARTIDAS E CHEGADAS

Deus-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. Mauricio Serafim Monteiro.

### NASCIMENTOS

Na Clínica de S. Miguel, em Lisboa, deu à luz uma criança do sexo masculino, a nossa contemporânea sr.<sup>a</sup> D. Célia Maria Figueiredo Pereira Casimiro de Albuquerque, digníssima Assistente Social, esposa do sr. Manuel Casimiro de Albuquerque, funcionário superior da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa. O recém-nascido é neto materno da sr.<sup>a</sup> D. Alda Figueiredo dos Santos Pereira e do nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Matos Pereira, conceituado industrial da nossa praça.

Os nossos parabéns aos felizes pais e avós e votos de ridente futuro para o seu descendente.

Na Clínica Puerto Cabello, Venezuela, teve o seu bom sucesso no passado dia 8 de Fevereiro, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, à qual foi posto o nome de Susana Maria, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Judite Fragoso Marques Melro, esposa do sr. José Rodrigues Melro, nosso prezado assinante na Venezuela.

São avós maternos, a sr.<sup>a</sup> D. Vitorina Faisca de Brito e o sr. José Fragoso Marcos e paternos a sr.<sup>a</sup> D. Maria Valério Rodrigues e o sr. José João Melro.

Aos felizes pais e avós, os nos-

## PRÉDIO EM LOULÉ

Vende-se um prédio, por estrear, de 2.º andar, de 4 fogos com 4 assoalhadas e 2 armazéns.

Boa construção e bons acabamentos.

Tratar com António de Sousa Neto — Construtor Civil — Telefone 439 — LOULÉ.

sos parabéns e votos de inúmeras felicidades para o seu descendente.

### BAPTIZADO

Realizou-se no passado dia 10 de Fevereiro, na Igreja Sacret Heart em Prince George (Canadá), a cerimónia do baptismo do menino Paulo George Nunes Apolónia, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Célia Neves Nunes Apolónia e do nosso prezado conterrâneo, amigo e assinante sr. Avelino Dionísio Apolónia, residente no Canadá.

Apadrinharam o acto, o sr. Manuel Rodrigues, residente em Prince George e por procuração, sua tia, menina Maria João Dionísio Apolónia, residente em Loulé.

### DOENTE

Pelo distinto médico cirurgião, sr. Dr. Manuel Soares Cabecadas, foi operada, com óptimo resultado, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Dias Águas de Lima Faisca, esposa do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José Vicente Teixeira Faisca e nossa estimada conterrânea, que já se encontra em franca convalescência.

### FALECIMENTOS

Com 82 anos de idade, faleceu no sítio da Gonçincha, no passado dia 3 de Fevereiro, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus Vicêncio, viúva do sr. Francisco Guerreiro Fome.

A extinta, era mãe das sr.<sup>as</sup> D. Benvinda, D. Maria e D. Silvina Guerreiro Fome e dos srs. José, Manuel, Carlos, Joaquim e Francisco Guerreiro Fome Júnior.

Com a idade de 62 anos, faleceu no passado dia 3 de Março, o sr. José Mariano da Encarnação, que deixava viúva a sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Viegas Romeiras.

O extinto, era pai das sr.<sup>as</sup> D. Maria da Glória Encarnação Romeira, residente em Cacilhas, D. Maria da Conceição da Encarnação Romeira, residente em Faro, D. Maria Isabel Romeiras da Encarnação, D. Orlando Romeiras da Encarnação, residente na Baixa da Banheira e do sr. José Mariano da Encarnação Romeira, residente em Faro, e deixou 8 netos.

Com a idade de 77 anos, faleceu nesta vila, no passado dia 28 de Fevereiro, o sr. Bartolomeu Garcia Rodrigues, viúvo da sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Formosinho Macias e que fora hábil industrial de alfaiataria da nossa praça.

O saudoso extinto, era irmão da sr.<sup>a</sup> D. Constança Garcia Rodrigues e tio das sr.<sup>as</sup> D. Maria Apolinária Macias Marques, D. Ondina Macias Marques Mira e dos nossos prezados amigos e dedicados assinantes srs. Francisco Elias Garcias, Drs. Lélio Macias Marques, Sérgio Macias Marques e Noémio Macias Marques.

A todas as famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

## SINGER

Vende-se uma máquina de costura «Singer» e outra de «ajour», também «Singer». Ambas em muito bom estado.

Tratar com Eduardo Correia — Telef. 82 — Loulé.

## GRATIDÃO

Maria da Luz Baptista Rocheta e João Viegas Baptista não podem calar a sua profunda gratidão ao distinto e hábil médico-cirurgião senhor

### Dr. José Alves Batalim Júnior

pela forma eficiente e muito carinhosa como operou e tratou sua mãe e mulher, Alzira Laura Raminhos, durante a sua permanência no Hospital de Loulé, vêm por este meio tornar público o seu reconhecimento pelas deferências com que cumulou a doente, aliando uma evidente probidade a uma elevada competência e zelo profissionais.

Embora receosos de que também possam ferir a modéstia dos distintos médicos assistentes srs. Drs. José Manuel Inês e Barros Madeira, nem por isso podem deixar de os englobar neste agradecimento para lhes testemunhar o preito do seu agradecimento por tantas atenções dispensadas e pela valiosa colaboração prestada para o êxito da operação.

Igualmente exteriorizam o seu muito obrigado ao pessoal de enfermagem do Hospital, visto que todos foram de uma extrema dedicação e afabilidade, não esquecendo todas as pessoas que visitaram a doente e se interessaram pelo seu estado de saúde.

## DE LUTO

### O «Diário do Alentejo» e o

### «Notícias de Albufeira»

### Manuel António Engana

Com a idade de 74 anos, faleceu no Hospital de Beja, no passado dia 24 de Fevereiro, o sr. Manuel António Engana, dinâmico director do nosso prezado colega «Diário do Alentejo» e considerado industrial gráfico naquela cidade.

Lutador incansável nas lides jornalísticas, Manuel Engana foi bem o protótipo daquele profissional da imprensa que faz jornalismo por autêntico amor ao jornalismo... porque o vivem e o sentem.

Manuel Engana dedicou-se desde muito jovem às artes gráficas e evidenciou-se rapidamente como profissional competente e, simultaneamente, jornalista de mérito.

Foi fundador do «Diário do Alentejo» e os seus estabelecimentos gráficos equiparam-se ao que de mais completo existe em terras de província. Foi um homem que venceu lutando e deixou um exemplo de muita dignidade profissional.

O saudoso extinto era filho da sr.<sup>a</sup> D. Vitória Engana e do sr. António Joaquim Engana; deixou viúva a sr.<sup>a</sup> D. Bárbara Amélia Magalhães Serra Engana; era pai da sr.<sup>a</sup> D. Maria Vitória Serra Engana Gomes; sogro do sr. Armando Eduardo Gomes, 1.º oficial da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência em Lisboa e avô da menina Maria Isabel Engana Gomes, aluna do 1.º ano do Liceu de Beja.

A família enlutada endereçamos a expressão do nosso sentimento de pesar.

## Quando a estupidez vai ao Futebol... tudo pode acontecer

Ex.<sup>m</sup> Senhor  
Director da «Voz de Loulé»

No dia 3 de Março, fui a Loulé assistir ao desafio de futebol entre o Louletano e o Farende.

As cenas a que assisti, encheram-me de tristeza e revolta. Porque sou um desportista da «velha guarda» e até porque há anos tive satisfação de habitar nessa simpática Vila, e até fiz parte da direcção do clube local, estou à vontade para fazer reportar ao que de lamentável se passou.

Revoltou-me o ter ouvido repreender ao Povo de Loulé.

Não... nem a Vila nem os seus habitantes podem ser culpados nem o seu clube tão pouco podem ser atingidos... simplesmente porque um cadastrado qualquer provocou distúrbios, que geraram um clima de justa indignação, ao atirar a um dos elementos do trio de arbitragem uma pedra que o atingiu com violência na cabeça, revelando instintos de requintada malvadez e cobardia... até porque fugiu.

Faça-se justiça a quem a merece.

### PADRE Semedo Azevedo

No passado dia 28 de Fevereiro faleceu súbitamente em Albufeira o Rev.<sup>o</sup> Padre José Manuel Semedo Azevedo, dedicado Pároco de Albufeira e director do nosso prezado colega «Notícias de Albufeira».

O infarto acontecimento causou profunda consternação em todo o Algarve onde o bondoso sacerdote era muito conhecido e estimado, pelo seu espírito de abnegação, de generosidade e de intereza.

Dedicou-se apaixonadamente a trabalhos de grande interesse religioso e cultural, deixando o seu nome ligado a uma obra digna de apreço e louvor.

O saudoso extinto era filho do sr.<sup>a</sup> D. Maria S. José Semedo e do sr. José Rodrigues Azevedo, já falecidos; irmão da sr.<sup>a</sup> D. Maria Teresita Semedo Azevedo, Professora do Ensino Primário oficial, aposentada, e do nosso prezado colega «Notícias de Albufeira».

O saudoso extinto era filho da sr.<sup>a</sup> D. Vitória Engana e do sr. António Joaquim Engana; deixou viúva a sr.<sup>a</sup> D. Bárbara Amélia Magalhães Serra Engana; era pai da sr.<sup>a</sup> D. Maria Vitória Serra Engana Gomes; sogro do sr. Armando Eduardo Gomes, 1.º oficial da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência em Lisboa e avô da menina Maria Isabel Engana Gomes, aluna do 1.º ano do Liceu de Beja.

Endereçamos à família enlutada as nossas mais sentidas condolências.

Auguramos os mais promissores resultados. O turismo exige do Algarve mais alguma coisa do que bons hotéis e praias de fina areia banhadas por tédia água. A potencialidade turística do Algarve é hoje uma realidade. Há que desenvolvê-la com manifestações de arte, de folclore, exposições, competições desportivas, coreografia, música, cortesias, etc.

Sabemos que já se efectuou a primeira reunião preparatória e que ficaram assentes algumas ideias-base para um festival no Verão. Oxalá o entusiasmo não esmoreça e possam contar com toda a colaboração de que necessitam.

Não podemos pôr o ponto final nestes apontamentos sem mencionarmos os nomes dos principais obreiros do Carnaval de Loulé - 1968: srs. Eduardo Delgado Pinto, Dr. Barros Madeira, José Duarte, Ilídio Floro, Fernando Barracha, José Viegas Botelho, João Margalo e Manuel Martins Farrajota.

## Mocidade em festa

(Continuação da 2.ª página)

precalço de Domingo) e também o resultado final das bilheteiras: 175 contos nos dois dias!

Este ano foi tudo feito com a «Prata da casa»: nem artistas contratados por alto preço, nem ajudas do S. N. I. Bastaram meia dúzia de obreiros que, por serem poucos, tiveram que ser incansáveis. Tiveram que resolver problemas e arrancar com responsabilidades. E com um objectivo: servir Loulé. Fizeram o melhor que puderam e mais do que era humano exigir-lhes. Mas cumpriram. Cumpriram mas ficaram insatisfeitos. Talvez sintam um peso na consciência a dizer-lhes que afinal foi pena ter-se perdido a receita daquele domingo de Sol. Não querem ser acusados injustamente apesar da pureza das suas intenções. O seu brio e o seu bairrismo ficaram feridos e isso lhes dá agora ânimo para quererem fazer mais e melhor... sem o temor da chuva a atraí-los.

Querem oferecer não apenas a Loulé, mas a todo o Algarve, aquilo que de que tanto o Algarve necessita na época estival: um autêntico Festival de Verão.

Auguramos os mais promissores resultados. O turismo exige do Algarve mais alguma coisa do que bons hotéis e praias de fina areia banhadas por tédia água. A potencialidade turística do Algarve é hoje uma realidade. Há que desenvolvê-la com manifestações de arte, de folclore, exposições, competições desportivas, coreografia, música, cortesias, etc.

Sabemos que já se efectuou a primeira reunião preparatória e que ficaram assentes algumas ideias-base para um festival no Verão. Oxalá o entusiasmo não esmoreça e possam contar com toda a colaboração de que necessitam.

Não podemos pôr o ponto final nestes apontamentos sem mencionarmos os nomes dos principais obreiros do Carnaval de Loulé - 1968: srs. Eduardo Delgado Pinto, Dr. Barros Madeira, José Duarte, Ilídio Floro, Fernando Barracha, José Viegas Botelho, João Margalo e Manuel Martins Farrajota.

Ignotus

## Torquato da Luz

Ingressou recentemente no coro redactorial do «Diário de Lisboa» o nosso compatriota e prezado amigo sr. Torquato da Luz, que foi chefe de redacção do nosso prezado colega «Jornal do Algarve».

Elevando-se pelos seus próprios méritos, Torquato da Luz tem-se evidenciado no mundo das letras e dele se poderá dizer que tem valor apesar de ser jovem.

Auguramos a Torquato da Luz sucesso pleno na ingratata mas apaixonante profissão de jornalista e formulamos votos por que aproveite todas as oportunidades que se lhe oferecerem para ser útil à sua e nossa querida província, defendendo-a nos seus mais legítimos interesses.